

# Televisão de cachorro

A televisão produzida no Brasil se aproxima cada vez mais da “televisão de cachorro”, capa da *Sinopse* desse número. Ambas repetem indefinidamente a mesma programação (para os cachorros, franguinhos girando; para nós, bundinhas rebolando), enfeitando a platéia com o apelo a instintos básicos (fome e sexualidade). Não devemos confundir competência técnica com qualidade. Mesmo com suas câmeras de alta definição e design de primeiro mundo, a televisão brasileira completa seus cinquenta anos de idade sem motivos para comemoração. Qualidade, levada a sério, deve rimar com abertura e diversidade. Nada disso há na televisão brasileira.

Para justificar esse estado, irão sempre dizer que é isso que o público quer ver. Não é verdade. Assim como é pouco provável que o cachorro se “divirta” com sua televisão também o espectador brasileiro não se “diverte” com a sua. Ambos estão, antes de tudo, com falta

de outra opção para saciar sua fome de imagens. E de resto, permanecem enfeitados pela monótona dança das galinhas (a palavra serve aqui nos dois sentidos) que giram a sua frente. Nos últimos anos a programação se tornou repetitiva e apelativa, em parte porque foram pautadas pela ideologia do índice de audiência, cuja arbitrariedade oscilante – sem causas nem porquês – lembra o vai e vem dos medidores espíritos. Todas as emissoras começaram a insistir na fórmula dos “programas popularescos”, vistos como única alternativa comercial. Sem áreas de lazer adequadas e sem dinheiro para freqüentar outros tipos de espetáculo cultural (ou mesmo para pagar seu ingresso no clube restrito da televisão a cabo) o espectador-brasileiro-salário mínimo acaba tendo a televisão aberta como única forma de entretenimento, único canal de informação e único referencial estético. No entanto para uma formação cultural plena um cidadão tem necessidade de um repertório diversificado de informação e entretenimento,

que alimentem o poder de decisão adulto. A televisão não oferece nada disso ao cidadão brasileiro, contribuindo, ao contrário, para sua inanição cultural e alienação política. Diversificar a TV é um bom começo para que ela se torne mais “educativa”, como pregam alguns bem intencionados.

Nesse número, a *Sinopse* abre seu espaço para discutir televisão tendo como horizonte a alteração desse quadro. De um lado, pretendemos quebrar o feitiço, revelando mecanismos narrativos e psicossociais de dominação das redes mais poderosas. De outro, discutir a relação entre o modelo concentracionista de nossa televisão e a pouca diversidade estética da programação. Enfatizamos a urgente necessidade de uma democratização da produção televisiva, garantindo direito de antena na TV aberta para a programação realizada pelas minorias e para a programação independente. Nesse sentido, cresce a necessidade de uma televisão regional, estimulada e produzida fora do eixo Rio-São Paulo. Nesse sentido, a *Sinopse* apresenta um dossiê onde discutimos o curta-metragem brasileiro, com ênfase na produção regional nordestina.

Os Editores

